

EUA e Irã escalam guerra em torno de Ormuz

Donald Trump disse em rede social que o “estreito está aberto”, repetindo diretriz do Comando Central dos EUA

/ ORIENTE MÉDIO

Quatro dias após o Donald Trump decretar o fim do acordo de cessar-fogo com o Irã, as hostilidades no Oriente Médio escalaram, deslocando de vez o foco do conflito para a questão do Estreito de Ormuz. Neste domingo (12), os Estados Unidos atacaram alvos iranianos na costa da região depois que Teerã atingiu dois petroleiros que furaram o renovado bloqueio da teocracia na região, que havia sido decretado na véspera.

Ato contínuo, o Irã promoveu o maior ataque contra seus vizinhos regionais desde a trégua de 17 de junho. Ao menos seis países que abrigam instalações militares americanas foram alvejados por mísseis e drones, inclusive no mais neutro Omã, com que Teerã discute dividir o controle sobre Hormuz.

Algumas horas após esses bombardeios, foi a vez de os EUA voltarem a atingir alvos no Irã. A região do porto de Bandar Abbas, que centraliza as operações militares da Marinha da Guarda Revolucionária do país no estreito, re-

gistrou as maiores explosões.

Segundo a mídia estatal iraniana, houve ações com mísseis contra a estratégica ilha de Qeshm, no estreito. O site americano Axios diz que foram atacadas posições de defesa antiaérea.

Ormuz, por sua vez, viu cair dramaticamente o tráfego de navios. Até o início da tarde na região, apenas duas embarcações estavam nas proximidades da via, que antes da guerra iniciada em fevereiro escoava um quinto do petróleo e do gás natural liquefeito do mundo.

No sábado, foram 22, uma queda no nível registrado após o cessar-fogo - que nunca chegou, segundo monitores como o da consultoria Kpler, aos 140 navios que por lá passavam diariamente no período pré-conflito.

Trump, por sua vez, disse em rede social que o “estreito está aberto”, repetindo diretriz do Comando Central dos EUA. Antes, o secretário de Defesa americano, Pete Hegseth, havia dito que o Irã “pagará” por interferir na navegação do local.

Com a dinâmica de ataques,

o Irã quer assegurar sua maior ficha de negociação ao lado do programa nuclear do país: o controle sobre Ormuz, que até a guerra era visto como algo difícil de ser exercido pelos aiatolás.

Na prática, contudo, empregando instrumentos assimétricos como drones e lanchas de ataque, Teerã provou que pode conseguir derrubar o tráfego na região mesmo sob ataque. O preço do petróleo, que havia voltado a níveis pré-guerra, já voltou a subir.

O acordo de 17 de junho previa 60 dias de negociação em que o estreito ficaria aberto, mas os iranianos não cumpriram sua parte, alegando que os EUA também violam a trégua quando retaliam e, principalmente, que Israel não suspendeu operações contra o seu aliado libanês Hezbollah.

Mais importante, Teerã busca reafirmar que tem iniciativa militar, apesar do discurso de Trump de que suas capacidades foram destruídas nas cinco semanas de combate mais ativo da guerra.

O problema para a teocracia é justamente se a escalada levar a uma nova guerra aberta, algo



AMIRHOSSEIN KHORGHOEI/ISNA/AFP

Irã quer assegurar sua grande ficha de negociação: o controle do Estreito

que o americano evita para não prejudicar ainda mais seu Partido Republicano nas eleições legislativas de novembro - pesquisas mostram que o conflito é impopular.

Assim, é possível que os contatos ainda rudimentares entre as partes, feitos por meio de intermediários como o Qatar e o Paquistão, sejam mantidos enquanto a troca de fogo segue de forma relativamente contida.

Mas o risco de uma escalada sair de controle é permanente,

com consequências imprevisíveis, em particular acerca da reação dos vizinhos regionais do Irã. Neste domingo, foram atacados alvos americanos na Jordânia, Bahrein, Kuwait, Emirados Árabes Unidos, Qatar e até em Omã.

O sultanato convocou o embaixador do Irã para protestar, lembrando que ambos os países estão em negociação acerca das linhas marítimas de Hormuz, cuja costa sul é omani e a norte, iraniana.

Zelensky anuncia substituição da primeira-ministra

/ UCRÂNIA

O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, anunciou ontem uma reforma em seu governo na qual substituirá a atual primeira-ministra, Iulia Sviridenko, e os titulares de alguns órgãos governamentais.

“A Ucrânia está mudando a sua estratégia política”, escreveu Zelensky na rede social X. “As mudanças exigem uma renovação”. Na postagem, ele agradeceu Sviridenko por seu trabalho. Ela havia sido nomeada ao cargo no ano passado. O líder ucraniano afirmou que ofereceu a Sviridenko a oportunidade de “liderar uma nova e importante área de relações com um parceiro-chave”, sem revelar detalhes.

As mudanças ocorrem após o aumento da pressão da Rússia sobre o vizinho. Um ataque a Kiev na semana passada matou 28 pessoas.

Em comunicado, o presidente ucraniano listou uma série de prioridades para o país, entre elas avançar no processo de adesão à União Europeia e reforçar a segurança das regiões de fronteira. Ele

também afirmou que pretende redistribuir a condução de diferentes áreas da política externa entre outros integrantes do governo.

As mudanças no gabinete precisam de aprovação do Parlamento, mas os deputados têm apoiado as medidas de Zelensky desde o início da invasão russa, em 2022, e não costumam bloquear sua agenda.

Ao longo do último ano, a Ucrânia foi abalada pelo maior escândalo de corrupção de sua história recente, que culminou na renúncia do influente chefe da administração presidencial. O chamado caso Midas, que, segundo as autoridades, envolveu um esquema de propinas de US\$ 100 milhões na estatal de energia nuclear Energoatom, atingiu pessoas próximas de Zelensky e gerou questionamentos ao governo em um momento em que Kiev tenta demonstrar aos aliados ocidentais que é capaz de combater a corrupção nos mais altos escalões do poder.

As autoridades acusam Timur Mindich, ex-sócio de Zelensky, de liderar o esquema de corrupção. Também apontam Andrii Yer-

mak, ex-chefe de gabinete do presidente, como suspeito. Eles negam as acusações.

Ao mesmo tempo, a Rússia não dá trégua em seus ataques. Bombardeios na madrugada deste domingo mataram quatro pessoas na Ucrânia, informaram as autoridades locais. Ataques com drones e artilharia deixaram três mortos na região de Dnipropetrovsk (centro-leste), dois deles em uma ofensiva contra uma “empresa industrial” de Kryvyi Rih, informou o governador, Oleksandr Ganja. E em Kherson, no Sul do país, “o inimigo lançou um artefato explosivo a partir de um drone” e matou um homem de 48 anos, segundo Iaroslav Shanko, chefe da administração militar da cidade.

Por outro lado, a Ucrânia voltou a atingir instalações petrolíferas na Rússia neste domingo, em mais um capítulo da campanha de ataques de longo alcance contra a infraestrutura energética do inimigo. Os ataques a refinarias e outras instalações energéticas têm agravado a crise de combustíveis na Rússia, com relatos de escassez de gasolina e racionamento em diversas regiões.

Número de mortos em terremotos na Venezuela sobe para 4.333

/ TRAGÉDIA

As autoridades venezuelas continuam contando as vítimas fatais dos ocorridos no dia 24 de junho. O número de mortos subiu para 4.333, segundo novo comunicado divulgado pelo regime do país no sábado. Do total, 315 ainda não foram identificados. O número de feridos permaneceu o mesmo desde a última atualização, com 16.740 pessoas, e não há informações oficiais sobre desaparecidos.

No balanço, o regime venezuelano afirmou que a distribuição de moradias aos afetados começará na próxima semana. Das quase 18 mil pessoas que precisaram sair de suas casas após os tremores, 17 mil ainda estão em abrigos públicos.

Na última quinta-feira (9), a Organização Mundial da Saúde (OMS) disse que a falta de saneamento básico e do acesso à água potável nos mais de 80 abrigos, somadas a superlotação e pouca infraestrutura desses espaços, podem causar a disseminação de

doenças como cólera, tuberculose, tétano e sarampo.

Além disso, a cobertura vacinal de populações desabrigadas tende a cair drasticamente, aumentando o risco de contágio, o que pode colocar em risco a vida de dezenas de milhares de sobreviventes.

O órgão da ONU disse estar trabalhando com o Ministério da Saúde da Venezuela para tentar conter o avanço de enfermidades respiratórias e intestinais, e avalia abrir novos hospitais de campanha nas regiões de Caracas e La Guaira, as mais atingidas pelo desastre natural.

No total, as Nações Unidas estimam que 1,3 milhão de venezuelanos precisam de ajuda humanitária após os terremotos, e US\$ 300 milhões (R\$ 1,5 bilhão) foram mobilizados para operações no país, segundo comunicado.

A identificação de vítimas do desastre natural ainda é difícil, segundo a ONU. Pelo menos 300 pessoas em La Guaira foram enterradas sem identidade.